

SAUDAÇÃO PROFERIDA EM SESSÃO SOLENE DA
CONGREGAÇÃO, EM HOMENAGEM AOS PROFESSO
RES DOM ANTONIO PEDRO MISIARA, PADRÊ
FRANCISCO LYRIO DE ALMEIDA E JOÃO TOR-
TELLO, NO DIA 7 DE MARÇO DE 1979, DATA
COMEMORATIVA DOS 25 ANOS DA INSTALAÇÃO
DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E
LETRAS DE SOROCABA

*Abramo Rubens Cuter

Tu, Caminheiro dos atalhos desta vida
Sem destino e sem guarida
Toda envolta em desamor,
Pára um pouquinho, vem comigo num recanto,
Deixa a mágoa, enxuga o pranto,
Veste a graça e despe a dor.

Adentra a porta, que o salão regurgitante
Vai tornar-se, neste instante,
Em tranqüilo e augusto lar.
Nós ouviremos melodia enfeitiçada
Que dos céus virá roubada,
Vai fazer-nos meditar.

Deixa lá fora o mundo imundo ruminando
Pensamentos, assombrando
Namorados da ilusão.
Tira o calçado que o lugar que estás pisando
Tem mil anjos arpejando
Dedilhanto o coração.

*Licenciado em Filosofia, pela Faculdade de Filo-
sofia, Ciências e Letras de Sorocaba.
Professor Titular da Faculdade de Filosofia, Ci-
ências e Letras de Sorocaba e da Faculdade de
Ciências Contábeis e Administrativas de Soroca-
ba.

Os muitos mestres do passado e do presente
Surgem agora de repente,
É milagre o ressurgir...
As sinfonias encarnadas em mil notas
São orvalho e com suas gotas
Fazem almas reflorir.

.....E, então, aproximou-se o viajor, de viagens tantas, curioso por ouvir histórias das coisas e das causas:

- Ei, você que fala, dê-me suas mãos e andemos juntos. Eu preciso caminhar muitos caminhos e, enquanto marcamos a estrada com o sinal de nossos passos, narre-me os contos que iluminaram de cânticos cada canto desta casa.

- Caminheiro amigo, quisera eu mostrar-lhe, ao menos, as mãos que perfumaram de mil glórias cada pedra deste templo santificado pelo saber de muitos e pelo sacrifício de tantos, que edificaram sua colunata. Mas, hoje, deixe-me chegar perto e tocar com as mãos da mente, obnubilada de emoção, apenas três colunas básicas do conjunto. Se é bendito aquele que cria, mil vezes mais o é aquele que conserva. Quando esta casa nasceu, os que a idealizaram, queriam-na bela e forte, para encantar quem se aconchegasse sob seu abrigo e para enfrentar de peito aberto, as intempéries do difícil mundo da formação intelectual. Eis, então, a primeira coluna: Sacerdote, jovem ainda, mas de privilegiada mente e ânimo indômito, avultou logo, entre todos a figura sorriso, já provada na firmeza e no trabalho, do Mons. Antônio Pedro Misiara. Ninguém melhor que ele para ser o primeiro diretor da nascida Casa de Ensino, superior sob todos os títulos. E assim foi. E foi assim, em suas mãos sagradas pelo Óleo Santo e com sagradas pelas lutas trabalhosas que tremiam ao enfrentá-lo, que este Templo que agora pisamos deu seus primeiros passos vacilantes e confiantes. Esta Faculdade, então, ligou-se à sua vida, ao seu sacerdócio, ao espírito batalhador de bravo que sempre foi.

Professor querido, estimado e respeitado pela bondade do coração sorridente e pela sabedoria da palavra candente, ainda hoje, vinte e cinco anos passados, quem teve a felicidade de passar por suas mãos de mestre, sente uma revoada de festas no coração ao encontrá-lo no abraço sempre amigo e nunca negado. É bem verdade, que a gente só sabe dar valor a alguém quando o perde. Não que o tenhamos perdido, mas, quando a Igreja Santa o chamou para ser Bispo, longe não muito daqui, uma saudade teimosa já fez sua tenda, com ânimo definitivo, aqui dentro de cada um de nós que sempre o amamos tanto.

E hoje, deixando o tempo correr de volta, nós o sabemos bem, querido D. Misiara, olhando juntos na mesma direção, podemos vislumbrar ao longe, quanto trabalho árduo, quanta injustiça injustificável, quanta incompreensão incompreensível, quanta injúria impura, quanta calúnia repugnante, quanta crítica mordaz e injusta quiseram atirar em sua face serena que a tudo respondia com paz amorosa. E, elas vieram, por vezes, justamente de onde nunca poderiam ter vindo.

Mas, é nesse fogo que se tempera o ânimo de quem está fadado a grandes conquistas.

Vossa Excelência é de nossas maiores conquistas. A glória maiúscula desta casa que hoje, já em idade adulta, sabe lhe gravar no pergaminho o título de Professor Emérito que nunca deixou de ser. A mim, particularmente, que de suas mãos amigas e santas recebi um dos bastões para continuar como atleta do ensino a corrida que Vossa Excelência encetou, como é bom dizer-lhe hoje: - Vossa Excelência venceu. As barreiras caíram humilhadas, as infâmias fugiram covardes, as calúnias emudeceram sofridas. Hoje, Vossa Excelência pisa o chão desta Casa, com a altivez de quem é muito querido e com o grito que, um dia, eclodiu para o Mestre Nazareno e que tão bem lhe cabe também: Bendito o ventre que o trouxe e os seios que o amamentaram.

Bendito seja D. Antônio Pedro Misiara, pri-

meiro diretor desta Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e Professor Emérito nesses seus vinte e cinco anos de vida fecunda.

As nossas mãos tocam agora, com carinho meigo a segunda Coluna. A cruz pesada pedia por um Cirineu, amigo oportuno de todas as horas. E deram ao então Monsenhor Misiara, na pessoa do primeiro vice-diretor, o Padre Francisco Lyrio de Almeida, a mão estendida para a ajuda e o coração pronto para o conforto.

A humildade tentou e tenta ainda teimosamente esconder, sem o conseguir, uma grande alma. Bondade à flor da pele, sabedoria a explodir por todos os poros, sua espiritualidade e simpatia contagiante tem mil anjos arpejando, dedilhando o coração.

Quando nasceu a Faculdade, nasceu também no ser inteiro do Padre Lyrio a disposição de servi-la. E como a serviu, sem nunca ter sido servil. E como a serve ainda hoje, no mister difícil de ensinar.

Por isso, Padre Francisco Lyrio de Almeida, esta Casa agradecida pelos seus vinte e cinco anos de despreendimento e luta, gravou também seu nome, para sempre, como nosso Professor Emérito, exemplo para os que estão na labuta e para os que hão de vir.

Ao me chegar perto da terceira Coluna, sinto-me enternecido, tocadas as cordas todas do coração já a fraquejar e da alma por demais cativa de emoções que não perdoam em machucar. Quando adotei esta terra como sendo minha e, pela primeira vez, me dirigia entre medroso e ardendo de entusiasmo, lá o encontrei, no portal da frente do Estadão, como que a me esperar. Nasceu, aí mesmo, a mais gostosa amizade que alguém possa pretender desejar. Querendo conhecer melhor o já grande amigo, fui bisbilhotando aqui e acolá. As respostas vinham como que tiradas a papel carbono: - Professor João Tortello? É a maior inteligência que existe em Sorocaba! No Ginásio foi sem-

pre o primeiro aluno! No Collegial também! Na Faculdade também! É um Professor excepcional! Querido e respeitado por todos os alunos! É lógico que, ao começar a Faculdade de Filosofia as suas atividades didáticas, foi ele o seu primeiro professor de português. E são vinte e cinco anos de atividades ininterruptas. A amizade mais se engrandeceu e eu mais me engrandeci com ela. Sem pedir licença, adentrei os umbrais de sua alma rica e deixei a minha à mostra.

Quanta riqueza, que se veste cada vez mais bonita, encontrei e continuo a encontrar aí, caríssimo João Tortello, "dimidium animae meae". Perdõe, sim, se ao falar de você me torno assim tão personalista e piegas. Tenho apenas a lhe confessar um segredo: Quando me apercebi, com que bondade você tratava o amigo, pensei logo ter encontrado o tesouro de que fala a Bíblia. Fiquei apenas abismado e quase enciumado, quando pude perceber que o tesouro que você era para mim o era também para tanta gente. Esse tesouro tem sido você, nesses vinte e cinco anos, nesta casa para todos que nela convivem.

Por isso mesmo, e, com tanta justiça, recebe também você o honroso e honrado título de Professor Emérito deste templo sagrado que é melhor e mais digno porque você existe como uma de suas colunas mestras. Aí estão, senhores, três glórias excelsas desta Casa orgulhosa de seus vinte e cinco anos. As três únicas glórias que, como mestres, nasceram com ela e com ela estão.

Oxalá, a semente boa que eles lançaram não tenha caído na alma estrada, nua e pisada e tenha sido levada por uma ave afoita dos nossos céus.

Oxalá não tenha caído na alma pedra porque, senão, até o coração da pedra se confrangerá ante tantos corações de pedra.

Oxalá não tenha caído na alma espinheiro e se afogado, sem poder vicejar.

Oxalá tenha sido bom o terreno e a colheita

abundante.

- Viajor, você está contente agora?

- Ó sim, você que fala, estou. Feliz uma casa que pode ter colunas tão belas e fortes onde possam se sustentar.

Felizes são vocês por viverem no tempo em que esses três heróis da sua história não se contentaram em apenas viver na história, mas fizeram história para a posteridade.